SOJA

A safra 1987/88 caracterizou-se por cuidadosa comercialização no mercado interno, o que se revelou medida acertada, em razão da quebra da safra norte-americana. No exterior, o ***Export Enhancement Program*** *estabeleceu concorrência desleal com o produto brasileiro.*

O caráter extremamente dinâmico das atividades relacionadas à lavoura da soja é bem conhecido. Na safra deste ano, manifestou-se de forma exemplar. O ano comercial brasileiro tem início em fevereiro e, desde o começo de 1988, esperava-se bons preços no mercado internacional, pois a produção dos **EUA** estaria ajustada[1] e se aguardava a entrada da **URSS** no mercado, como grande compradora.

Logo na primeira semana de janeiro, a cotação do grão atingiu os US$ 6,50/**bushel**, na **Bolsa de Chicago**, e se via que, depois de um triênio difícil, haveria finalmente, comercialização favorável. Nos três anos anteriores, principalmente em 1987, o agricultor que pode estocar até a entressafra ficou em melhor situação. O que ocorreu, majoritariamente, porém, foram vendas efetuadas rapidamente, que prejudicaram a obtenção de ganhos mais elevados.

Embora não se esperasse que os mercados internos do farelo e do óleo (cujas fortes altas de preços – 475% no varejo de São Paulo, de fevereiro de 1987 a fevereiro de 1988 – eram atribuídas, ainda, ao **congelamento** do chamado **Plano Bresser**) se expandissem este ano, a expectativa reinante no mercado era, em janeiro, de produção superior a 19 milhões de t, com esmagamento de 14,5 milhões de t e exportação de US$ 3 bilhões. Aliás, logo no início do ano, entidades representativas dos produtores rurais e das indústrias solicitaram do governo a liberação da comercialização externa da soja e derivados e que fosse feita reclamação junto ao governo dos **EUA** quanto à abrangência do **Export Enhancement Program (EEP)**.

Já se sabia de problemas climáticos localizados, que poderiam vir a afetar a colheita. Em dezembro, excesso de chuvas nos estados centrais havia atrasado as operações de semeadura. Plantios não germinados, em razão de estiagem, na região das Missões, no **Rio Grande do Sul**, logo começaram a provocar perdas nas lavouras, o que, de imediato, desencadeou sucessivas e desencontradas divulgações de danos, por vezes **muito** elevados. Em verdade, as variedades de ciclo precoce, plantadas a partir de meados de outubro, não se desenvolviam bem e os agricultores pediam que, para as tardias, o período de plantio coberto pelo **Proagro** fosse prorrogado, até o dia 20 de janeiro. Destaque-se, porém, que, segundo técnicos ligados à agricultura, na região, as lavouras que mais ansiedade provocavam eram as do milho, mais sensíveis à falta de chuvas.

Contudo, o mês de fevereiro, em que a colheita principia, iniciou-se com as cotações internacionais, na **Bolsa de Chicago** (pela qual se orientam, estima-se, 70% das vendas brasileiras) em baixa, ainda sob a influência de uma safra farta na **Argentina** e no **Brasil**, embora neste último se esperasse menor rendimento físico médio, à exceção da safra da **Bahia**. Afinal, os chamados **bolsões de seca** não haviam causado, até então, maiores problemas, fora do **Rio Grande do Sul**, mas a predominância da fase de floração, nas lavouras, prejudicava quaisquer prognósticos. É interessante observar que o **USDA** estimava, desde dezembro, a safra brasileira em cerca de 18,5 milhões de t, enquanto a **American Soybean Association** não acreditava na avaliação de exportadores brasileiros (20 milhões de t) situando a produção entre 18,8 milhões de t e 19 milhões de t. É claro que, independentemente destas estimativas, a avaliação da situação dos estoques de passagem, em nível mundial – quando se esperava a maior demanda em três anos – e a posição do esmagamento traziam a certeza de bons preços em 1988.

A experiência dos dois anos anteriores (fracasso do **Plano de Estabilização Econômica**, preços elevados em **Chicago** e falta do produto no mercado interno) recomendava, porém, cautela ao agricultor. Na expectativa de que o produtor rural estivesse mais capitalizado (conforme a **Fecotrigo**, o sojicultor seria o agricultor menos prejudicado, nesta safra, na relação preço de venda/custo de produção), o governo, segundo

1 A estimativa de janeiro, do **USDA**, para a safra norte-americana, apresentou total 1,5 milhão de t abaixo do divulgado em dezembro, o que já sugeria que se **compensaria** a maior produção da **América do Sul**, esperada em nível recorde.

a **Companhia de Financiamento da Produção**, tencionava direcionar seus recursos para os **EGF**, de até 6 milhões de t. Praticamente não se negociava, então, no mercado de futuros, com os preços contratados alcançando até Cz$ 1.800/60 kg (cerca de US$ 6,50/**bushel**) para maio, no **Paraná** e no **Rio Grande do Sul**. Para pagamento em fevereiro, cotavam-se de Cz$ 1.100/60 kg a Cz$ 1.200/60 kg. Todavia, além de incerteza quanto aos rumos da política econômica brasileira, havia dúvida quanto ao plantio e à futura dimensão da safra dos **EUA** e ao risco de se concentrarem as vendas no pico da comercialização, nos meses de maio e junho.

Também a política comercial levada a efeito pelo governo norte-americano era motivo de inquietação, fazendo com que o governo brasileiro finalmente solicitasse informações quanto ao **EEP**, em fins de fevereiro, após o anúncio, um mês antes, de vendas subsidiadas de 560 mil t de óleo, sendo 300 mil t para a **Índia**.

O começo da colheita deu-se em clima de indefinição, também no que dizia respeito às regras da comercialização da produção brasileira no mercado mundial. Embora as autoridades concordassem, em princípio, com as propostas a elas encaminhadas pela iniciativa privada, o atraso na definição oficial preocupava, pois ainda se pensava na hipótese de serem formados estoques reguladores de soja, no mercado interno. Também a sempiterna questão dos elevados custos financeiros turvava a visão da real rentabilidade da safra.

Já no início de março, o preço do grão, em **Chicago**, superava em pouco mais de 30% (US$ 6,2/**bushel**) o vigente um ano antes e se temia que a lentidão verificada na contratação das vendas externas prejudicasse os produtores rurais. Com efeito, finda a primeira semana do mês, calculava-se que tão-somente 5% da safra tinham sido negociados, enquanto o percentual considerado normal para o período seriam 25%. No **Rio Grande do Sul**, a **Fecotrigo** vendera apenas 3%, **versus** 40% na mesma época de 1987.

A colheita estava principiando no **Paraná, São Paulo** e em **Mato Grosso** mas, em grande parte do território, o atraso ocorrido no plantio iria provocar entrada tardia da safra no mercado.

Em meados de março, todavia, as perdas provocadas por nova estiagem nas plantações gaúchas estavam sendo estimadas entre 600 mil t e 800 mil t. Mesmo assim, os preços internos prosseguiam estabilizados nominalmente, desde o mês de dezembro, quando superaram a paridade de exportação. Registre-se que a esperada reunião do **Concex** havia decidido apenas que se poderia vender soja também mediante contratos de longo prazo, de quatro ou cinco anos.

Com o rápido progresso das colheitas paranaense e matogrossense, agravaram-se as dúvidas entre os produtores, pois o governo anunciava a decisão de cortar o **EGF** para a indústria, o que afetaria prontamente a demanda pelo grão. Em fins do mês, divulgou-se que os recursos para **AGF** cresceriam 84% em relação a 1987, ao passo que os para **EGF** seriam aumentados em 550%.

Aliás, também as indústrias haviam adotado comportamento **cauteloso**. O plantio da safra norte-americana permanecia indefinido e os custos financeiros da estocagem em um contexto de taxas inflacionárias elevadas (com menor disponibilidade de **EGF**) faziam com que os esmagadores comprassem pouco. Em razão de seus estoques, considerados baixos, porém, a possibilidade de a **URSS** efetuar compras em **Chicago** era motivo de inquietação, pois sua intervenção no mercado alçaria os preços a patamares inesperados, forçando as indústrias a maior competição com os exportadores de soja em grão. Segundo exportadores, os soviéticos têm demonstrado preferirem os **pellets** brasileiros e argentinos, de mais fácil transporte e armazenamento e com maior teor de proteínas. Contudo, logo circulou a hipótese de ter a **URSS** optado por se abastecer de soja norte-america-

QUADRO 05 - SOJA EM GRÃO – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA – SAFRAS 1980/81 A 1987/88
(em mil t)

SAFRA	ESTOQUE INICIAL[1]	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
1980/81	255,0	15.484,0	932,0	16.671,0	14.666,0	1.450,0	555,0
1981/82	555,0	12.891,0	1.251,0	14.697,0	13.578,0	496,0	623,0
1982/83	623,0	14.533,0	34,0	15.190,0	13.803,0	1.387,0	272,0
1983/84	272,0	15.340,0	154,0	15.766,0	13.597,0	1.579,0	590,0
1984/85	590,0	18.211,0	228,0	19.029,0	14.774,0	3.456,0	799,0
1985/86	799,0	13.997,0	257,0	15.053,0	13.252,0	1.193,0	608,0
1986/87	608,0	17.072,0	476,0	18.156,0	14.831,0	2.990,0	335,0
1987/88	335,0	18.127,0	50,0	18.512,0	15.300,0	2.600,0	612,0

FONTE – CFP.
[1] Em 1º de fevereiro.

na, até o mês de abril.

Enquanto, porém, no mercado interno, perdurasse a superação da paridade com os preços de exportação, a retração dos movimentos da área industrial poderia continuar, sem maiores dificuldades.

Neste contexto, a divulgação da estimativa dos **EUA** quanto à situação da intenção de plantio da safra norte-americana, em 31 de março (apenas 1% de aumento no plantio, alcançando 58 milhões de acres, com semeadura a partir de maio) ganhou ainda mais importância. Mesmo apresentando ampliação, ainda que diminuta, da área cultivada, teve caráter altista. A posição dos estoques dos **EUA**, em 1º de março, foi considerada crítica, quando comparada à demanda verificada em 1987. A relação entre o estoque final e o esmagamento estaria, em setembro, no mesmo patamar registrado na safra 1983/84, quando foi bastante reduzida a produção norte-americana.

Outro fator de alta, na ocasião, foram as notícias de fortes chuvas nas plantações argentinas que, a cada ano, contribuem com maior quantidade para a oferta mundial (ver **Agroanalysis**, volume 12, números 2 e 6, janeiro e junho de 1988).

No **Brasil**, o estoque inicial, estimado pela **CFP**, também atingiu nível baixo (ver Quadro 05) ficando em 335 mil t de soja em grão, na posição de 1º de fevereiro. Como não se esperavam mais de 50 mil t de importação (apesar da possibilidade de maiores compras no regime de **draw back**, provenientes dos países vizinhos) e o consumo interno do grão deveria atingir total recorde (15,3 milhões de t) tinha-se como certo que os preços seriam plenamente favoráveis àqueles produtores que pudessem **carregar** seus estoques até a entressafra. O fato de muitos deles terem obtido boa safra de trigo davalhes maior **fôlego**. No entanto, isto acarretava maior demora na fixação dos preços, que subiram 30% em março, ultrapassando a taxa de inflação do período.

Em 4 de abril, afinal, o **Concex** liberou completamente a exportação da soja e as indústrias continuaram disputando o grão com os exportadores, pagando preços altos que não permitiam o repasse dos preços aos derivados a serem exportados.

Até meados do mês, tinham sido colhidos 60% da safra e, além dos problemas climáticos nas plantações gaúchas, passou-se a temer pelos efeitos do excesso de chuvas no **Centro-Oeste** sobre o rendimento físico médio das lavouras. Em maio, reduziu-se a estimativa das exportações dos grãos, de 3 milhões de t, para 2,4 milhões de t.

Havia, outrossim, a influência nociva do **Export Enhancement Program** sobre as exportações do óleo de soja brasileiro (a **Abiove** estimou perda de US$ 100 milhões nas vendas externas do produto) cujos **prêmios**, na **Bolsa de Chicago**, tornaram-se negativos. Mesmo assim, no caso da soja em grão, aquela **Bolsa** afigurava-se como um estímulo cada vez mais importante, pois a especulação com as futuras perdas da safra dos **EUA**, derivada da falta de chuvas (em fins de maio, nem a metade da safra daquele país estava plantada) **aquecia** fortemente as cotações. Evidentemente, desconhecia-se até que ponto o governo norte-americano manteria suas vendas subsidiadas, com o fim declarado de mover guerra comercial à **Comunidade**

A **American Soybean Association** divulgou um documento **(Asa's Section 301 Petition)**, em dezembro de 1987, contrário à política de subsídios da **Comunidade Econômica Européia**. Foi transcrito por **The Public Ledger's**, segundo o qual "os fazendeiros da **CEE** responderam aos **lucrativos** subsídios à produção de oleaginosas da **Comunidade** aumentando rapidamente sua produção destas lavouras e daquelas produtoras de alimentos protéinicos".

A produção de soja da **CEE** aumentou de 14 mil t em 1980, para cerca de 1,3 milhão de t, em 1987: um incremento de 9.000%! A de colza aumentou de 2,0 milhões de t na primeira data, para aproximadamente 5,5 milhões de t no ano passado, enquanto a produção de girassol cresceu de 289 mil t para 3,7 milhões de t no mesmo período. O total das oleaginosas cresceu 340%, passando de apenas 2,5 milhões de t, em 1980, para 11 milhões de t, em 1987. Acréscimos similares foram registrados nas lavouras produtoras de alimentos proteínicos.

O farelo de soja dos **EUA** deve competir no mercado de rações da **CEE** com os farelos de colza, girassol e soja europeus, bem como leguminosas (feijões, ervilhas, lentilhas e tremoços) e leite em pó desengordurado subsidiado. O óleo de soja compete com os óleos europeus, de colza, girassol e soja, pela demanda da própria **CEE**. Os subsídios extremamente onerosos à produção e ao processamento de oleaginosas da **Comunidade** acarretaram grande expansão da competitividade da **CEE** relativamente à produção norte-americana de soja em grão e de farelo de soja. Houve redução de 5% no total das exportações dos **EUA** destes dois itens para a **CEE**, desde 1982. O valor das exportações declinou 40%.

Sem dúvida, a principal causa desta queda nas vendas norte-americanas foram os subsídios internos da **Comunidade** às oleaginosas supracitadas, que custaram aos europeus cerca de US$ 4 bilhões, em 1987.

Em razão dos enormes custos deste sistema, a **CEE** propôs, no começo do ano passado, uma taxa sobre todos os óleos alimentícios de origem vegetal e de peixe lá consumidos. O assim chamado "mecanismo de estabilização" teria determinado uma taxa uniforme de cerca de US$ 375/t sobre todos aqueles óleos. A taxa não apenas praticamente dobraria o preço do óleo de soja na **CEE** mas, também, aumentaria em US$ 2,3 bilhões o total anualmente usado para pagar o custo rapidamente ascendente deste sistema de subsídios. Grandemente devido à certeza de retaliação dos **EUA** contra as exportações da **Comunidade** para aquele país – se a taxa fosse adotada – o **Conselho** da **CEE** rejeitou sua adoção no fim de junho e no início de dezembro do ano passado. Contudo, a idéia da taxa não foi derrotada. Ainda está em suspenso, aguardando a consideração do **Conselho**. As possibilidades de futura adoção da taxa geradora de renda aumentarão proporcionalmente ao tempo em que for mantido o caro sistema de apoio às oleaginosas e lavouras produtoras de alimentos proteínicos".

Econômica Européia(ver box). Contudo, bastaria aos europeus o aumento de seus subsídios, o que levava a **guerra**, de fato, a outros **fronts** – o argentino, e principalmente, o brasileiro.

O mercado internacional, em abril, foi bastante influenciado pelos relatos desencontrados das perdas no **Rio Grande do Sul**. Os compradores na **Europa** chegaram a lembrar que, dificilmente, ocorre um ano em que as estimativas de diferentes fontes quanto à produção brasileira não apresentem divergências de até 1 milhão de t. A publicação alemã **"Oil World"**, embora considerasse graves as perdas gaúchas, não acreditava nas previsões locais de safra total de 17,0 milhões de t a 17,5 milhões de t.

Nesta conjuntura, a indústria tentava comprar, mas não encontrava vendedores e algumas empresas viam-se obrigadas a interromper suas atividades. No mercado externo, a paralisação temporária das vendas subsidiadas do **EEP**, aguardada desde março, não foi adotada. Em abril, ao contrário, fizeram-se novas exportações, para a **Argélia, Índia, Paquistão, Tunísia** e **Turquia**.

O deságio aplicado ao preço do óleo brasileiro, no início de maio, era de US$ 130/t. As exportações de óleo apresentaram desempenho fraquíssimo, mas as de farelo prosseguiram em ritmo próximo ao normal (ver Quadros 06 a 08) o que acarretou a formação de onerosos estoques de óleo no mercado interno.

Os agricultores, porém, continuaram apostando em preços cada vez mais elevados, o que levou a rubrica **EGF** a atingir níveis recordes. Afinal, as cotações internacionais da soja em grão ultrapassaram US$ 7/**bushel**, em maio. A tendência de alta era espelhada nos preços do mercado futuro e se reforçou com a primeira estimativa do **USDA** quanto à produção da safra 1988/89 dos **EUA** (51,17 milhões de t) e dos estoques finais daquele país (7,5 milhões de t em 1987/88 e 3,9 milhões de t, em 1988/89).

QUADRO 06 – ESMAGAMENTO E EXPORTAÇÃO DE SOJA EM GRÃO (em mil t)

MÊS	ESMAGAMENTO		EXPORTAÇÃO	
	1987	1988	1987	1988[1]
Fev	647	452	–	–
Mar	1.028	1.208	56,2	1,0
Abr	1.625	1.677	582,4	334,6
Mai	1.756	1.455	898,0	508,1
Jun	1.737	1.430	835,5	378,5
Jul	1.746	1.432	341,5	410,0
Ago	1.552		276,1	
Set	1.242			
Out	878			
Nov	616			
Dez	564			
Jan	429			
Fev-Jul	6.793	7.704	2.372,1	1.632,20

FONTE – Oil World
[1] Estimado.

O peso do **Setor Agrícola** nos encargos governamentais, contudo, fez com que se anunciasse a intenção de reduzir o número dos produtos cobertos pela **Política de Garantia de Preços Mínimos**. A soja, por sua ligação com as cotações no exterior, chegou a ser cogitada, no mercado, como possível exclusão da pauta oficial, que se centraria em lavouras produtoras de alimentos básicos.

Aliás, no caso da soja, apesar de bafejada pela boa situação internacional, o custo da produção interna, segundo estudo da **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** foi o que mais cresceu, entre as principais lavouras, para o plantio da safra 1988/89. O **Valor Básico de Custeio** proposto pela **OCB** para a faixa de produção mais freqüente, entre 1.750 kg/ha e 2.000 kg/ha, foi de Cz$ 39 mil/ha.

QUADRO 07 – PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE FARELO DE SOJA – 1987-88 – (em mil t)

MÊS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO	
	1987	1988	1987	1988
Fev	505	354	258,4	201,3
Mar	794	937	406,7	504,6
Abr	1.265	1.308	793,1	800,2
Mai	1.372	1.140	1.114,4	851,6
Jun	1.356	1.123	1.069,4	893,0
Jul	1.359	1.162	1.286,1	1.060,0
Ago	1.212		907,9	
Set	970		829,3	
Out	685		444,0	
Nov	481		210,4	
Dez	443		467,9	
Jan	337		227,3	
Fev-jul	5.292	6.024	3.642,0	4.310,7

FONTE – Oil World

QUADRO 08– BRASIL – PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE ÓLEO DE SOJA – 1987-88 – (em mil t)

MÊS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÃO	
	1987	1988	1987	1988
Fev	121	85	15,3	0,3
Mar	194	226	73,8	3,0
Abr	303	314	108,5	59,3
Mai	330	273	173,2	49,4
Jun	327	268	155,4	89,2
Jul	328	280	113,5	65,0
Ago	293		94,6	
Set	236		107,5	
Out	166		55,9	
Nov	116		35,0	
Dez	107		25,2	
Jan	80		11,9	
Fev-Jul	1.275	1.446	526,2	266,2

FONTE – Oil World

Na mesma época, o **Ministério da Agricultura** anunciou a intenção de reformular os adiantamentos do **VBC,** para que não se concentrasse o plantio nas lavouras beneficiadas pelos desfalques na produção norte-americana. Pensou-se em conceder 40% do financiamento oficial para o grande produtor, 60% para o médio e 100% para o pequeno (em 1987/88, os percentuais foram 50%, 70% e 100%, respectivamente, ver Quadro 09).

O começo de junho foi marcado por alta acentuada das cotações internacionais, pois, além do **sentimento** generalizado de que a produção dos **EUA** estaria bastante desfalcada, circularam rumores de que os soviéticos adquiririam até 800 mil t. O registro de US$ 9,5 **bushel,** em **Chicago,** mostrou o acerto da tática de protelação das vendas, simultânea às dificuldades da safra norte-americana, embora durante o mês, conforme a **CFP,** fossem esperadas maiores vendas, em razão não só da contínua valorização do produto mas, também, do vencimento dos empréstimos de custeio e da necessidade de recursos para a compra de insumos a serem usados na semeadura de 1988/89. Registre-se, porém, que os preços internacionais, aparentemente elevados, eram menores, em termos **reais,** do que os vigentes na década passada. Logo a seguir, recuaram, passando a se comportar de modo errático, conforme as notícias sobre o clima nos **EUA.**

A indústria, contudo, não desfrutara das mesmas vantagens que beneficiaram os agricultores. O farelo de soja teve seus preços equiparados à paridade de exportação, mas as cotações do óleo, muito estocado, permaneciam prejudicadas pela continuação do deságio, em **Chicago.** Os preços do grão evoluíram mais rapidamente do que os dos derivados e, embora cerca da metade da safra ainda não tivesse sido vendida, a atividade dos esmagadores era considerada normal.

No que se refere aos agricultores, o custo de produção da safra, calculado pela **CFP** e atualizado até 1º de fevereiro, era de Cz$ 823,38/60 kg. Corrigido pela **OTN** para 1º de junho, passou a ser de Cz$ 1.582,97/60 kg e, em razão da razoável produtividade

QUADRO 09 – BRASIL – LIMITE PERCENTUAL DE ADIANTAMENTO DO VBC DA SOJA POR CLASSE DE PRODUTOR E ENCARGOS FINANCEIROS

PRODUTOR	SAFRA								
	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1985/86	1986/87	1987/88	1988/89
Mini/ pequeno	100	100	100	90	–	100	100	100	70
Médio	80	80	70	60	60	100	70	70	40
Grande	80	60	50	40	40	90	50	50	30
Juros e correção monetária	33%	45%	45%	199,78%[1]	256,64%[2]	62,13%[3]	10%[4]	9%+CM[5]	9%+CM

FONTE – Fecotrigo.

1 85% sobre a variação da ORTN (191,05% a.a., até julho), mais juros de 3% acumulados;

2 100% sobre a variação da ORTN (246,26% a.a., até junho), mais juros de 3% acumulados;

3 100% sobre a variação da ORTN (outubro de 1985 a fevereiro de 1986, quando foi extinta a correção monetária), mais juros de 3% até junho de 1986, acumulados;

4 juros de 10% a.a. (71,6% a.a. no crédito complementar). VBC isento de correção monetária, a posteriori;

5 reajuste monetário igual à variação plena da OTN (prevista em 244,84% de 1º de novembro de 1987 a 1º de julho de 1988, mais juros de 9% para médios e grandes produtores e 7%, para mini e pequenos.

(estimada em 1.800 kg/ha) calculava-se rentabilidade superior a 40%, o que acarretaria extenso plantio da soja em 1988/89.

A próxima safra

Como no fim de junho, as cotações em **Chicago** mais uma vez **dispararam**, os prognósticos de que a lavoura de soja seria o destaque na safra vindoura ganharam reforço, pensando-se em área até 25% maior. Evidentemente, contudo, acréscimo semelhante podia ser igualmente esperado para a **Argentina**, o que significaria existir outro importante ofertante para cobrir o **déficit** da oferta norte-americana, que perdurará até o segundo semestre de 1989.

A divulgação das estatísticas do **USDA**, em 12 de julho, foi ansiosamente aguardada, pois a seca nos **EUA** começou a repercutir sobre os preços do óleo, fazendo com que se questionasse a permanência das vendas sob o **EEP**. Com efeito, a falta de chuvas naquele país trouxe serissimas preocupações, havendo mesmo quem temesse pelos terríveis efeitos de poderem significar o início de um período climático mais quente, no **Hemisfério Norte**. Contudo, o referido relatório foi mal aceito no mercado, por suas estimativas consideradas conservadoras, mas se imaginava que a estiagem, que durou de fevereiro ao início de julho, estava encerrada. As perdas, derivadas da menor produtividade física, ainda teriam de ser **levantadas**.

Naquele mês, a **CFP** calculava que mais de 80% da produção tinham sido vendidos e os preços internos haviam começado a recuar. A próxima safra logo se tornou assunto de especulações diversas, principalmente em torno de possível **conquista** pela soja das terras dedicadas a outros cultivos. O milho foi considerado o possível **perdedor** de espaços para a sojicultura pois, apesar de seus preços no mercado interno terem evoluído, em um ano, tanto quanto o da soja, não conta com garantias vindas do exterior.

QUADRO 10 – BRASIL – PRODUÇÃO DE SOJA – SAFRA 1987-88

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha)
Paraná	2.120.000	4.800.000	2.264
Rio Grande do Sul	3.436.142	3.631.281	1.057
Mato Grosso	1.333.045	2.735.270	2.052
Mato Grosso do Sul	1.176.742	2.480.907	2.108
Goiás	773.410	1.497.560	1.936
São Paulo	512.500	1.001.900	1.955
Minas Gerais	483.728	936.242	1.935
Santa Catarina	412.000	535.600	1.300
Bahia	249.733	375.313	1.503
Distrito Federal	42.778	81.920	1.915
Maranhão	14.365	25.916	1.804
Outros	5.280	9.055	1.715
BRASIL	10.559.723	18.110.964	1.715

FONTE – IBGE.

A divulgação da política agrícola para 1988/89, com efeito, **premiou** o milho com 15% de ágio sobre o preço mínimo, tornando-o mais atraente, principalmente para os produtores mais tecnificados. Os produtores de soja de todas as categorias tiveram efetivamente, redução do adiantamento do **VBC**[2] (ver **Agroanalysis**, volume 12, número 8, agosto de 1988).

A tão propalada expansão da soja teria problemas na disponibilidade de sementes, desfalcada pela estiagem que afetou as plantações gaúchas. O quadro do plantio da próxima safra foi perturbado, a seguir, por nova e prolongada estiagem no **Centro-Sul**. Aliás, este fenômeno já tinha sido previsto há meses, por meteorologistas, em função do comportamento do clima no Oceano Pacífico **(Anti-El Niño)**, que provocaria inverno frio e retardamento da estação chuvosa, no **Brasil**.

Quanto à produção norte-americana, o **USDA** a estimou, em agosto, em 40,1 milhões de t e, em setembro, em 40,0 milhões de t, contrariando a expectativa do mercado, de perdas maiores. Registre-se que a empresa de estatísticas **Conrad Leslie** já havia provocado retração nas cotações, ao divulgar, dias antes do **USDA**, estimativa de safra de 39,7 milhões de t, também acima do que esperavam os corretores (38,4 milhões de t).

A mais recente estimativa da safra brasileira a situa ainda em patamar elevado (ver Quadro 10). Realmente, apenas as plantações do **Rio Grande do Sul** destoam no rol dos rendimentos físicos obtidos nas diferentes unidades da **Federação**. Aliás, recente estudo da **Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais** apontava para a necessidade de tratos culturais mais acurados na sojicultura brasileira. Os principais concorrentes no mercado internacional colhem mais por área cultivada e esforços neste sentido terão compensação rápida.

Atualmente, a indefinição do clima no **Centro-Sul** do país impede que se façam prognósticos quanto ao comportamento do próximo plantio. A crença na expansão do cultivo da soja, levando sua produção a novo degrau, acima de 20 milhões de t, persiste, embora só venham a ter crédito às taxas oficiais os produtores de feijão, mandioca, milho e sorgo e os pequenos produtores de arroz.

2 Os sojicultores da região das Missões, no **Rio Grande do Sul**, os mais prejudicados pela estiagem, farão jus a mais 20% nos limites de financiamento estabelecidos para a soja.